

Megalópole religiosa LGBTI+: Igrejas Inclusivas Pentecostais como fenômeno urbano

LGBTI+ religious megalopolis: Inclusive Pentecostal churches as an urban phenomenon



<https://doi.org/10.23925/ua.v28i46.e70713>

Átila Augusto dos Santos¹
Orlando Caldeira de Faria Júnior²

Resumo: O artigo busca investigar o surgimento e a expansão das Igrejas Inclusivas Pentecostais (IIP's), que não condenam a sexualidade dissidente, no contexto das grandes megalópoles brasileiras, com ênfase nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Essas igrejas desempenham um papel crucial na inclusão da população LGBTI+, oferecendo espaços de acolhimento e espiritualidade em áreas urbanas marcadas pela exclusão social. O estudo analisa como as IIP's se tornam territórios religiosos de resistência e transformação, desafiando as tradições religiosas hegemônicas. A complexidade cultural e social das megalópoles favorece a criação de novas formas de pertencimento religioso onde raça, gênero e sexualidade são elementos centrais na redefinição das relações de poder e identidade.

Palavras-chave: Igrejas Inclusivas Pentecostais; megalópole; LGBTI+; geoespacialidade; resistência social.

Abstract: The article seeks to investigate the emergence and expansion of Inclusive Pentecostal Churches (IIP's), which do not condemn dissident sexuality, in the context of Brazil's large megalopolises, with an emphasis on the cities of São Paulo and Rio de Janeiro. These churches play a crucial role in the inclusion of the LGBTI+ population, offering spaces of welcome and spirituality in urban areas marked by social exclusion. The study seeks to analyze how IIPs become religious territories of resistance and transformation, challenging hegemonic religious traditions. The cultural and megalopolises favors the creation of new forms of religious belonging, where race, gender and where race, gender and sexuality are central elements in redefining power relations and redefining relations of power and identity.

Keywords: Inclusive Pentecostal Churches; megalopolis; LGBTI+; geospatiality; social resistance.

1 Mestre em ciências da religião.  0000-0001-9245-4437 atilaugustoreligiao@gmail.com

2 Doutorando em Ciência da Religião pela PUC/SP  0009-0000-7843-4739, orlandocfjunior@yahoo.com.br

Introdução

O artigo busca decompor o papel das religiões no mundo urbano moderno, religiosamente plural e, ao mesmo tempo secularizado. Aborda aspectos históricos, sociais e econômicos que explicam a urbanização e a constituição das periferias nas metrópoles como expressão da desigualdade social das sociedades latino-americanas e seus efeitos no campo religioso. Nosso foco será nas Igrejas Inclusivas Pentecostais e no espaço urbano em que atuam, restringindo o estudo às Igrejas Inclusivas Pentecostais dos três movimentos propostos por Weiss (2012). Esse material é fundamental para a análise deste artigo, especialmente ao considerarmos os 12 anos desde a pesquisa da autora.³

As IIP's foram objeto de pesquisa da tese de doutorado de Natividade (2008) e nela foram discutidos processos e movimentos sociais da construção da sexualidade, transpondo antropologia da religião com antropologia da sexualidade e como a homossexualidade é constituída em contextos religiosos atuais e pontua "A emergência de 'igrejas inclusivas', cuja hermenêutica articula vida religiosa e homossexualidade, confere positividade a esta, opondo-se a visão hegemônica" (p. 308) em uma das poucas produções acerca do tema no estado da arte à época⁴.

Tal e qual, analisamos, de um lado, a centenária produção bibliográfica dos estudos urbanos nos campos da Antropologia, Economia, História, Sociologia e Geografia, em especial, às duas últimas. E, de outro lado, a informação de dados censitários e de alusões às pesquisas dos autores do referencial teórico. Refletimos sobre o lugar da religião na dinâmica dos movimentos sociais e no mercado de bens simbólicos na realidade urbana, assim como o potencial teórico de conceitos por vezes pouco explorados no estudo da religião: associativismo, redes sociais, migração, segregação, poder local, espaço público, vulnerabilidade social e índice de desenvolvimento humano.

3 Em 2024 foi realizado o primeiro mapeamento das Igrejas Inclusivas do Brasil por Carla Nunes, mas optamos por tratar apenas do fenômeno das IIP's em sua expansão territorial embrionária nos anos de 1992 a 2012.

4 Marcelo Natividade (2008) introduziu o tema das "igrejas inclusivas" na academia, e desde então, várias dissertações e teses aprofundam o assunto, especialmente na Ciência da Religião. Entre os trabalhos mais relevantes estão a tese de Tainah Biela Dias (2022), que sistematiza a "mãe mundial" das igrejas inclusivas, e a dissertação de Átila Augusto dos Santos (2022), que analisa a vivência de LGBTI+ negros/as na Igreja Inclusiva Nova Esperança, destacada como uma das mais representativas do Brasil.

No arcabouço teórico, apresentamos para discutir o espaço secularizado e que foi frutífero para o surgimento das IIP's (Montero, 2006) como parte da produção religiosa oriunda das igrejas inclusivas. Da mesma forma que Oro (2004) demonstra o crescente número de fiéis pentecostais e declínio dos fiéis católicos como frutos do processo secular na espacialidade urbana, no que ele classificou como dessincretização e adesão pessoal e alguns autores que dão base para trabalharmos os conceitos como etnicidade e mudança cultural no contexto urbano e também periférico, juntamente com processos migratórios e opções religiosas no contexto das grandes cidades.

Ao longo do texto, será discutido o conceito de periferia na literatura especializada e o lugar social e cultural das práticas religiosas, mais ou menos institucionalizadas, nas áreas urbanas da América Latina. Um dos objetivos será analisar, mesmo que de forma exploratória, as relações entre os processos de modernização e urbanização latino-americanos e as mudanças religiosas das últimas cinco décadas nesse contexto. Para isso, seria necessário aprofundamento no estado da arte no âmbito das questões urbanas, como as teorias e conceitos úteis ao estudo das práticas religiosas contemporâneas no mundo citadino latino-americano, mas que pode ser objeto de pesquisas futuras.

Almejamos, no recorte do objeto, estimular a exploração e aplicação crítica do instrumental teórico dos estudos urbanos na pesquisa das religiões, como urbanização, religião e modernização no século XX na América Latina, assim como suas condições de existência no mundo pós-industrial. Também verificaremos a secularização e diversidade religiosa no mundo urbano, à semelhança de desapego material, simbólico e da religião.

Diante do quadro exibido, vamos problematizar: quais as opções religiosas da comunidade LGBTI+⁵ no espaço urbano? Diante de um cenário de violência, medo

5 Optamos por utilizar a sigla LGBTI+ como uma forma de facilitar a comunicação inclusiva, assegurando que todas as identidades sejam reconhecidas sem recorrer a uma sigla extensa e complexa. O "+" adiciona a flexibilidade necessária para abarcar outras identidades e orientações que possam não estar explicitamente representadas na sigla, mas que também merecem visibilidade e reconhecimento. Dessa forma, promovemos um discurso mais acolhedor e abrangente, que respeita a diversidade e as nuances das experiências de gênero e sexualidade.

social oriundos da macrocefalia⁶ espacial de grandes metrópoles, como se constitui sua religiosidade? Onde ocorrem as práticas associativas e religiosas nas áreas urbanas com as pessoas da sigla LGBTI+? À vista disso, busca-se uma melhor compreensão acerca da espacialidade desses agentes religiosos em seus territórios.

Geografia e espaço social

Para a investigação, dialogamos com a proposta geográfica religiosa do espaço social do LGBTI+ pentecostal. As categorias de análise que averigua como se manifesta o espaço secularizado das IIP's são: a territorialidade simbólica, identitária, amorosa e afetiva como propõe Haesbaert (2004), as paisagens religiosas na moção de Torres (2013) e o conceito de Hierópole na asserção de Rosendahl (2018). Retorquir como ocorre nas comunidades pentecostais inclusivas e a filantropia religiosa em um grupo tão marginalizado socialmente, em especial, dentro de sua própria religiosidade.

O estudo apresenta como ocorre o trânsito religioso na espacialidade urbana, a religiosidade no espaço público e, por fim, a secularização também na periferia urbana. Para coleta de dados, a metodologia aplicada é a pesquisa quantitativa e a construção cartográfica para melhor compreender o *modus operandi* da dinâmica espacial das IIP's, e então, cruzar os dados coletados e aplicar a triangulação na proposta de Yin (2006). Entendemos que, diante de nossa análise, os dados nos levaram a uma hipótese: a secularização metamorfoseou o espaço das grandes cidades, transformando as IIP's em uma espécie de megalópole que une o Rio de Janeiro, embrionário dessa manifestação religiosa, e São Paulo, solo fértil para o florescimento de núcleos.

Ao abordar a expansão geoespacial das IIP's nas megalópoles brasileiras, opta-se por não fazer uso explícito das categorias analíticas de gênero, raça, etnia e classe, ainda que se reconheça serem elementos estruturantes e transversalmente presentes na análise. Essas categorias permeiam as dinâmicas sociais, culturais e econômicas das megalópoles, impactando como essas igrejas se expandem e se estabelecem em contextos urbanos marcados por desigualdades. No entanto, o foco deste artigo é a distribuição territorial dessas

⁶ Macrocefalia, geograficamente, é o conceito aplicado à falta de planejamento e ocupações desordenadas no espaço urbano, caracterizando categorias de análise como a favelização.

igrejas, explorando como elas crescem e se posicionam geograficamente em espaços urbanos complexos. Reconhecemos que a interseccionalidade dessas categorias está intrinsecamente ligada ao processo, porém, optamos por priorizar a análise geoespacial, um aspecto ainda pouco explorado na literatura acadêmica.

Vale ressaltar que a interseção entre gênero, raça, etnia e classe no contexto da expansão das Igrejas Inclusivas oferece um campo vasto para futuras pesquisas, que poderiam aprofundar a compreensão dos fatores sociais e econômicos que influenciam tanto a inclusão quanto a exclusão nesses espaços religiosos. Mas para compreender plenamente a emergência e a distribuição dessas igrejas no território urbano, é preciso considerar um pano de fundo mais amplo: os efeitos da secularização e da pluralização religiosa que reconfiguraram o campo religioso brasileiro nas últimas décadas.

Secularização: prelúdio das Igrejas Inclusivas Pentecostais

A secularização, geralmente associada ao declínio da influência religiosa na esfera pública, apresenta características próprias nas sociedades latino-americanas. Diferente do cenário europeu, marcado por esvaziamento institucional e perda de relevância social da religião, no Brasil esse processo resultou não em desaparecimento da fé, mas em sua pluralização e reconfiguração simbólica, especialmente nos contextos urbanos e periféricos.

Segundo Rivera (2010), a secularização brasileira não significou o fim da religiosidade, mas sua descentralização. A autoridade institucional enfraquece, e os indivíduos passam a acionar a religião de forma mais autônoma, conforme suas experiências e necessidades. Em vez de rupturas totais com o sagrado, há um deslocamento das mediações tradicionais para formas mais pessoais e situadas de pertencimento espiritual. Montero (2006) reforça essa perspectiva ao apontar que o pluralismo religioso brasileiro não foi uma condição de origem do Estado moderno, mas sim um produto histórico das transformações sociais e urbanas. Nesse novo cenário, a religião deixa de ser imposta como verdade única e passa a ser escolhida, reinterpretada, muitas vezes reinventada nos interstícios da vida cotidiana.

É justamente nessas brechas, abertas pelo enfraquecimento das ortodoxias e pela multiplicidade de trajetórias urbanas, que surgem as Igrejas Inclusivas Pentecostais (IIP's).

Elas representam uma resposta a processos de exclusão vividos por sujeitos LGBTI+ nos espaços religiosos tradicionais. Mais do que instituições eclesiais, essas igrejas se configuram como territórios afetivos, comunitários e espirituais, nos quais a fé se entrelaça com identidade, dignidade e resistência.

Assim, longe de significar o “fim da religião”, a secularização contribuiu para o surgimento de novas formas de religiosidade dissidentes, periféricas e profundamente ligadas às dinâmicas da vida urbana. Nesse contexto, as IIP’s emergem como fenômeno emblemático da recomposição da fé em territórios de exclusão.

Para compreender plenamente essa emergência, é necessário olhar para o solo onde essas igrejas brotam: a cidade moderna e suas periferias. A espacialidade desigual, marcada por processos históricos de segregação e vulnerabilidade, oferece tanto o desafio quanto a potência para a formação de novas territorialidades religiosas. É o que abordamos a seguir.

A dicotomia da cidade moderna e a periferia

Desde a segunda metade do século XX, formaram-se grandes metrópoles e posteriormente suas periferias, oriundas do processo de urbanização e industrialização que fomentou a economia da América Latina. No Brasil, o fim da escravidão e o sistema capitalista em sua transição da fase industrial para o financeiro que imperava no planeta, tiveram papéis preponderantes nessa transformação social.

Surge um crescimento urbano no início do século XVIII com o advento das Revoluções Industriais e teve seu clímax no final do século XX, com a metropolização de cidades e os conglomerados urbanos de São Paulo e Rio de Janeiro, que hoje, com seus mais de 10 milhões de habitantes, enquadram-se como megacidades, que com o fenômeno da conurbação, configura hoje a Região Metropolitana de São Paulo e seus mais de 22 milhões de habitantes (SEADE, 2023). Segundo o IBGE (2022c), 11.451.999 vivem somente em São Paulo (IBGE, 2022c). Já no Rio de Janeiro há uma população absoluta de 6.211.223 habitantes (IBGE, 2022b), somados aos habitantes da Baixada Fluminense, que chegam a 3.925.424 (IBGE, 2022a).

Esses processos produziram sociedades desiguais, pois o crescimento da cidade não é acompanhado de políticas públicas de inclusão que contemplassem os mais pobres e demais minorias sociais, principalmente geradas por macrocefalias urbanas. Essas novas cidades e o processo de metropolização resultam em regiões que concentram um considerável poder político e econômico, contrastando com áreas periféricas que carecem de infraestrutura básica e apresentam pouca ou nenhuma presença do Estado. Assim, a cidade moderna na América Latina gera simultaneamente riqueza e pobreza, refletindo a desigualdade estrutural que permeia essas transformações urbanas (Rivera, 2010).

Considerando a amplitude do conceito de periferia (Rivera, 2010), podemos destacar a falta de meios para sobrevivência física, de renda, trabalho, infraestrutura para moradia como consequência da ausência de políticas sociais. Mais uma particularidade do conceito de periferia é a violência, com os moradores como objeto e sujeito, porém, distantes dos direitos básicos de cidadania. Outro destaque do conceito de periferia é o alto nível de vulnerabilidade social, o que demonstra ser insuficiente simplesmente a situação física e geométrica para pensar a periferia.

Embora a carência seja importante para entender a periferia, ela não é o bastante, nem em sua forma de maior impacto, isto é, a favelização e pessoas que se encontram em situação de rua. Os moradores da periferia sobrevivem, produzem e reproduzem, tanto na área econômica como no campo simbólico cultural, e as religiões nelas presentes estão envolvidas nesta dinâmica, com destaque para as igrejas pentecostais, muitas ali desde o início da urbanização dos grandes centros. Segundo dados censitários⁷, o fiel pentecostal constitui a forma religiosa de maior crescimento nas últimas décadas.

Dialogando com as contribuições sociológicas expostas, vamos adentrar na espacialidade. De acordo com Santos (2006), “a metamorfose do real-abstrato em real-concreto, da essência em existência, da potência em ato é, conseqüentemente, a metamorfose da unidade em multiplicidade [...] pelo qual o todo se torna um outro todo... um processo de análise e de síntese ao mesmo tempo” (p. 77). Entendemos que, por meio dos dados quantitativos e metamorfose espacial oriunda da macrocefalia urbana

⁷ Novo Mapa das Religiões 2010. Os protestantes e pentecostais cresceram de 16,2%, para 17,9% em 2020 e para 20,2% em 2010. Disponível em: https://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf Acesso em: 30 set. 2024.

e vicissitude das cidades tomadas pela urbanização, surgem novos modos pentecostais dessa fragmentação, das quais surgem igrejas das mais variadas formas, como as inclusivas.

Dentre esses pentecostais residentes nas periferias, está majoritariamente a população negra, historicamente relegada às margens dos direitos, das políticas públicas e da dignidade social. A falsa abolição da escravatura, que libertou juridicamente, mas abandonou materialmente os ex-escravizados, expulsou a população negra das senzalas sem lhe garantir terra, trabalho ou cidadania, empurrando-a para favelas, cortiços e periferias. É dessa ferida histórica que emerge boa parte do pentecostalismo popular urbano no Brasil.

Ainda na esteira de Santos (1987) e analisando a fragmentação espacial, entendemos os grandes centros urbanos no concerne ao autor, pois a fragmentação espacial “constitui a sementeira de que brotam visões totalizantes” e na “existência de indivíduos solidários tanto ao nível da ação, quanto ao nível da sensibilidade” (p. 67), é possível entre milhões de transeuntes, “outros também sendo nós”. O nós aqui aplicamos a grupos que se identificam, e não se achando pertencentes a um espaço fragmentado, articulam-se e sobrevivem, em especial, os mais marginalizados, como negros e comunidades LGBTI+ pentecostais.

Apenas para contextualizar, sabe-se que a desigualdade étnico racial, de classe e gênero, que se sabem obrigatoriamente transversais, no Brasil, tem dentre seus fundamentos históricos a construção colonialista e escravista aliada a um capitalismo selvagem e exacerbado, sendo na sociedade pós-moderna fatores que levaram ao abandono do poder público dos mais vulneráveis e periféricos, dentre esses, a população negra, com baixíssimo grau de instrução, bem como a inserção precária no mercado de trabalho, que muitas vezes se dá na informalidade. Os 300 anos de escravidão⁸ no Brasil fazem com que a vivência do ser negro no país, desde o dia seguinte ao dia 13 de maio de 1888 até os dias atuais, uma luta diária por direitos igualitários com o sistema sócio, político e econômico colonialista, ou seja, uma falsa abolição.

⁸ Trabalhamos escravidão na leitura de Jaime Pinsky, lendo-a não simplesmente um fato do passado. A herança escravista continua mediando nossas relações sociais quando estabelece distinções hierárquicas entre trabalho manual e intelectual, quando determina habilidades especiais para o negro (samba, alguns esportes, mulatas) e mesmo quando alimenta o preconceito e a discriminação racial. Assassinar a memória, escondendo o problema, é uma forma de não o resolver.

A religião, no caso protestante pentecostal, traz algum pertencimento a essa população negra, como vimos em Santos, com simplicidade de doutrina e de ética e segundo pesquisas e dados censitários, o pentecostalismo é a religião mais negra do Brasil. (Oliveira, 2004). Ainda sobre pentecostalismo, na periferia urbana, verifica-se uma verdadeira diversidade de opções religiosas que constituem um pluralismo religioso com muitos matizes pentecostais (Rivera, 2012; Fajardo, 2011; Noronha, 2016), e a categorização *pentecostal* não representa uma realidade homogênea, inclusive poucos seguidores dessas diversas igrejas se reconhecem como pentecostais, com cada grupo produzindo sua doutrina e código de ética. Não há lugar neste texto para maiores digressões sobre o pentecostalismo na periferia, mas vale registrar a obra do pesquisador Rivera (2012) *Evangélicos e Periferia Urbana em São Paulo e Rio de Janeiro*.

A modernidade, impulsionada pela urbanização e pelo avanço do capitalismo industrial, alterou profundamente o papel da religião na vida das pessoas. A autoridade religiosa, outrora central na orientação das decisões individuais, enfraqueceu, abrindo espaço para os indivíduos passarem a moldar seus próprios destinos e utilizar a religião de forma mais instrumental, acionando-a conforme suas necessidades pessoais. Esse fenômeno é amplificado pelo processo de secularização, que, paradoxalmente, não levou ao desaparecimento da religião, mas ao crescimento e diversificação de grupos religiosos, à sua visibilidade pública e ao aumento de sua presença na mídia.

No entanto, esse crescimento não representa um retorno à hegemonia religiosa ou à heteronomia na qual as religiões determinavam de maneira rígida a vida social e política. Pelo contrário, o enfraquecimento das tradições religiosas resultou em uma proliferação de opções e em um declínio no comprometimento profundo dos indivíduos com uma única tradição. Isso reflete o que Rivera (2010) observa como um cenário onde a religião se torna mais plural e fragmentada, mas menos autoritária, abrindo espaço para cada pessoa criar suas próprias formas de crença e prática, adequando-as às suas realidades individuais e contextos contemporâneos.

Igreja Inclusiva Pentecostal e o espaço urbano

Até o momento, foram apresentadas algumas digressões sobre secularização, modernidade, urbanização, periferia, pluralismo religioso e pentecostalismo. Buscamos compreender agora o fenômeno urbano das IIP's. Como já mencionamos, o objetivo não é aprofundar o seu surgimento, mas trazer um panorama da extensão geoespacial do fenômeno nos núcleos urbanos centrais e periferias. Sabe-se que essas informações geoespaciais são importantes para entender as sociedades organizadas.

Portanto, vamos primeiramente classificar o conceito território, mas por uma ótica ligada a uma atmosfera negra e LGBTI+. Se faz necessário entendermos territorialidade nesses moldes, e assim poderemos, não somente com fundamentação empírica, mas também sistemática de como aplicar o que dissemos no item anterior sobre muitas pessoas das IIP's não se lerem como pentecostais, manifestando doutrinas e códigos ímpares e endêmicos.

Recorremos a Haesbaert (2004) e como o autor nos dá subsídios para entendermos território em uma ótica inclusiva. Para o autor (p. 72), o território "não pode ser percebido apenas como uma posse ou como uma entidade exterior à sociedade que o habita. É uma parcela de identidade, fonte de uma relação de essência afetiva ou mesmo amorosa ao espaço". Comunidades excludentes socialmente com *qualificadores* sociais como negritude e LGBTI+, reproduzem territórios com forte questão identitária, onde são acolhidos por serem como são, ao passo que possuem uma relação amorosa, no caso, com a Igreja Inclusiva e sua fé.

Compreender o espaço e as relações sociais entre diferentes fenômenos nos permite agir de maneira mais consciente sobre o mundo, a sociedade e o contexto em que vivemos, com seus conflitos e dinâmicas. Isso também possibilita a criação de informações que podem oferecer uma melhor perspectiva social. Nesse sentido, é fundamental perceber que as IIP's emergem de processos sociais urbanos e da busca de parte da comunidade LGBTI+ por cidadania e direitos. Essa luta culmina na vivência religiosa, dando origem a novos territórios, como descrito por Haesbaert (2004), que refletem a interseção entre fé, identidade e espaço urbano.

Entendemos também os reflexos que essas intersecções e territórios causam, como suas manifestações concretas espaciais, a paisagem. Santos (1987) informou que paisagem é tudo que nossa vista abarca (p. 68), outrossim, aspectos sensitivos como sons, odores e temperatura se aplicam. Para Torres (2013), o conceito de paisagem pode ser aplicado à religiosidade:

Os templos religiosos costumemente apresentam-se como marcos na paisagem, com edificações características. Contudo, no interior de cada um deles, há uma paisagem específica, religiosa, que contém elementos que remetem ao sagrado. Cada espaço religioso apresenta-se como lugar familiar às pessoas que o frequentam e que nele experimentam as manifestações do sagrado, além de compartilharem entre si a fé e suas convicções, que se manifestam na paisagem, e integram o cotidiano do ser religioso. Assim, a paisagem religiosa contempla as manifestações do sagrado, e por conter elementos que podem sugerir ao ser religioso o contato com o sagrado, contribui para reforçar e/ou reafirmar sua identidade, bem como a identidade do grupo (p. 98-99).

Para o autor, a paisagem reflete elementos que grupos de pessoas manifestam o sagrado. Sendo assim, Torres faz menção a lugar familiar, dialogando com Haesbaert (2004) na leitura territorial como espaço de afeto e amor. O autor atesta que a paisagem religiosa reforça o cotidiano religioso das pessoas, como reforço ou reafirmação de uma identidade. No estudo do objeto, aplicamos a paisagem religiosa aos pentecostais LGBTI+ negros e negras.

Façamos aqui reminiscência a categoria *topofilia*, o amor ao lugar, proposto por Yi-Fu Tuan (1980). Ao já analisado em Haesbaert (2004) e Torres (2013), endossamos a esses espaços de práticas religiosas de negros e LGBTI+ com as memórias ali vividas, pois para Torres, “as percepções e as memórias vivenciadas, construídas e compartilhadas no seio do grupo de religiosos, apresentam-se como importantes elementos à compreensão da espacialidade religiosa” (p. 99).

Segundo Fátima Weiss, as Igrejas Inclusivas Pentecostais (IIP's) adotam uma agenda moral mais flexível em relação às práticas sexuais, funcionando como espaços neopentecostais que empregam diversas estratégias para atrair adeptos, principalmente por meio do acolhimento e da visibilidade das identidades de gênero. Esses posicionamentos

não entram em conflito com a constituição das subjetividades LGBTI+ (Weiss, 2012).

Weiss (2012), semelhante à teoria das ondas pentecostais de Freston (1993), elenca que as IIP's no Brasil são oriundas de três movimentos, que vão de 1992 a 2012, e em sua grande maioria, sítidas em áreas urbanizadas. Encontramos no estudo da autora 23 IIP's em todas as regiões do Brasil, exceto a Norte. Estão presentes em seis estados da federação e no Distrito Federal, distribuídas por 10 municípios. Todas com as características marcantes de urbanização nas categorias analisadas até aqui, e com exceção de Niterói, todos os municípios possuem mais de um milhão de habitantes. Acompanhemos onde e quem são as igrejas na tabela a seguir.

Tabela 1: Movimentos e Igrejas Inclusivas: de 1992 a 2012 com base nos movimentos de Weiss

Igreja	Movimento	Local	Ano
Igreja Presbiteriana Bethesda	Primeiro	Rio de Janeiro	1992
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil	Primeiro	Rio de Janeiro	1992
Comunidade Cristã Gay	Segundo	São Paulo	1998
Igreja da Comunidade Metropolitana	Terceiro	Niterói	2002
Igreja Evangélica Acalanto	Terceiro	São Paulo	2002
Igreja do Movimento Espiritual Livre	Terceiro	Curitiba	2003
Comunidade Cristã Nova Esperança	Terceiro	São Paulo	2004
Igreja Cristã Evangelho para todos	Terceiro	São Paulo	2004
Comunidade Família Cristã Athos	Terceiro	Brasília	2005
Comunidade Betel	Terceiro	Rio de Janeiro	2006
Igreja Cristã Contemporânea	Terceiro	Rio de Janeiro	2006
Ministério Nação Ágape (Igreja da Inclusão)	Terceiro	Brasília	2006
Igreja Cristã Inclusiva	Terceiro	Recife	2006
Igreja Progressista de Cristo	Terceiro	Recife	2008

Igreja Renovação Inclusiva para a Salvação - IRIS	Terceiro	Goiânia	2009
Igreja Amor Incondicional	Terceiro	Campinas	2009
Igreja Inclusiva Nova Aliança ou MORIAH	Terceiro	Belo Horizonte	2010
Novo templo – Igreja Cristã Pentecostal	Terceiro	Guarulhos	2010
Cidade de Refúgio	Terceiro	São Paulo	2011
A Igreja Inclusiva do Brasil	Terceiro	Porto Alegre	2012
Igreja Apostólica Nova Geração	Terceiro	São Paulo	2012
Ministério Mundial Shekinah	Terceiro	Brasília	2012
Igreja Apostólica Nova Geração	Terceiro	São Paulo	2012

Fonte: elaboração do autor

Outrossim, as IIP's trata-se de um desdobramento da modernidade que Barrozo (2019) define como produto e produtoras de um processo de recomposição religiosa da modernidade no Brasil com transformações e possibilidades de (re)elaboração de novas formas de crença e práticas religiosas, provocando em outros grupos reações de mudanças.

Os Censos de 2000 e 2010 nos deram uma dimensão do crescimento e diversificação dos pentecostais no Brasil. Inclusive, foi incluído uma nova subcategoria na classificação das igrejas pentecostais, ou seja, *as outras de origem pentecostais*, dentre essas, podemos inferir as IIP's. Nesse contexto, nos aproximamos do proposto por Deleuze e Guattari (1997, p.224), trazendo o contexto de *operação da linha de fuga*, onde os autores a classificam como desterritorialização, que seria o abandono territorial, que dialoga com Barrozo a proposta de recomposição religiosa, e a *reterritorialização*, como movimento da construção de novo território, como lemos em Barrozo e a (re)elaboração de crenças e realizações hieráticas. Esse processo vamos trabalhar no próximo item.

Tais dados nos dão o panorama de uma quebra de monopólio de grandes denominações tradicionais e apropriação dos outros grupos que reivindicam uma espiritualidade a seu modo, ou seja, menos homogênea como efeito da secularização.

(Barrozo, 2019). Ainda é precária a quantificação censitária a respeito das IIP's, o que auxiliaria numa melhor compreensão da realidade sociorreligiosa. Porém, fontes não acadêmicas apontam que, ao término do terceiro movimento proposto por Weiss, exibido na tabela 1, eram aproximadamente 10 mil membros de IIP's, a maioria deles alocada no eixo entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Dentre algumas particularidades das IIP's apresentadas por Barrozo, estão a liberdade da corporeidade nos cultos, o incentivo de experiência individual com o Espírito Santo com êxtase pentecostal que traz dignidade, visibilidade e valorização, que explicita numa aceitação mútua, além da bricolagem como uma forma de sincretismo. Porém, o que mais interessa a esse estudo é que as IIP's se trata de um fenômeno urbano, visto que a maioria desses grupos está localizada nas grandes metrópoles. Nomes de Igrejas, como *Comunidade Cidade de Refúgio* e Igreja da Comunidade *Metropolitana*, nos fazem pensar o fenômeno urbano. Tal inferência geoespacial, além de remeter aos efeitos da modernidade e secularização, aponta para uma possível ruptura com um tipo de pentecostalismo rural, com tradição forte e em especial nas periferias das grandes metrópoles.

Representam, assim, um pentecostalismo urbano e moderno, no qual as referências à memória coletiva a uma linhagem crente de longa duração se dissolvem na recomposição instantânea de uma religiosidade fluida e pragmática que cresce nas metrópoles. (Barrozo, 2019). Numa maior digressão sobre as IIP's, vamos apontar o surgimento dessas igrejas com a hipótese de criação de uma megalópole LGBTI+, à luz do conceito de hierópoles proposto por Rosendahl (2018).

Megalópole religiosa LGBTI+ e as hierópoles inclusivas de São Paulo e Rio de Janeiro

Além das IIP's apresentadas nos movimentos de Weiss (2012), outras denominações proliferam, não apenas em bairros centralizados, mas também em periferias do município de São Paulo, como Itaquera e São Mateus, com a presença de denominações como a Igreja Batista Apostólica para Nações. Essas igrejas que se denominam inclusivas, como já apresentamos, são territorialidades no espaço urbano que constroem territórios identitários e afetivos, ao passo que se desterritorializam do pentecostalismo e se reterritorializam em novos espaços como um novo modo de ser pentecostal, recompondo e (re)elaborando práticas pentecostais.

A metropolização é um fato. Vimos que os primeiros movimentos inclusivos surgiram em metrópoles, sejam elas capitais de estado ou não. Entretanto, os primeiros movimentos não de surgir nas megacidades do Brasil: Rio de Janeiro primeiramente e posteriormente, São Paulo. Para Rosendahl (2018)

Pelo simbolismo religioso que esses locais possuem e pelo caráter sagrado atribuído ao espaço, podemos chamá-los de hierópolis ou cidades-santuário. Assim, cidades-santuário são centros de convergência de peregrinos que, com suas práticas e crenças, materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço (p. 59-60).

Optamos pelo termo hierópole não pelo seu estrangeirismo, mas os santuários soam melhor no estudo de outras religiões, como o catolicismo, por exemplo. Entendemos que, Rosendahl diz que os locais das hierópoles passa por metamorfismos espaciais, pois as práticas e crenças dos fiéis organizam a funcionalidade do espaço, que se iniciou no Rio de Janeiro e São Paulo, locais de maior população absoluta e urbanização do país, e com grande concentração do público LGBTI+, ou seja, um espaço em que pessoas de uma comunidade cristã excludente manifesta sua fé sem serem rechaçados.

Sendo assim, analisamos que Rio de Janeiro e São Paulo são cidades com características de hierópoles ao serem os primeiros centros de convergência LGBTI+ do Brasil que se tem conhecimento. No ano em que o planeta se voltava ao Rio de Janeiro, em especial pela ECO 92, surgiu a primeira IIP: a Igreja Presbiteriana Bethesda (Natividade, 2008; Santos, 2022), justamente com a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil⁹. Ambas, inspiradas no modelo estadunidense na década de 1960, implantaram essa manifestação pentecostal no país, sendo o Rio de Janeiro a primeira hierópole LGBTI+

9- Naquela época, a inclusão LGBTI+ nas igrejas era mais uma práxis pastoral do que um engajamento político e institucionalizado, como mostram estudos mais recentes. Tratava-se, de fato, de um movimento social em desenvolvimento, mas era visto como algo alheio e mal interpretado em relação à fé cristã, sendo predominantemente laico e associado aos movimentos organizados da sociedade civil. Hoje, compreende-se que essa separação entre fé e militância política foi resultado de um contexto que ainda não conseguia integrar plenamente as demandas por direitos civis e humanos ao discurso religioso inclusivo.

Fig. 1: embrionário da primeira hierópole LGBTI+ brasileira: as igrejas inclusivas da costa Oeste estadunidense.



Fonte: elaboração do autor

A importação do pentecostalismo inclusivo estadunidense deu ao Brasil a epígrafe

de uma nova manifestação de religiosidade pentecostal. Vimos que o primeiro movimento, de acordo com Weiss, ocorreu no ano de 1992, e que em 1998, transcorreu-se o segundo, com a implementação da Comunidade Cristã Gay em São Paulo. No século XX, tivemos essas duas ondas e o surgimento de três igrejas. Fazendo uma analogia com o fenômeno megalópole, onde a conexão de Rio de Janeiro e São Paulo formam a megalópole brasileira, dentro de nossa proposta, propormos a formação da megalópole religiosa LGBTI+, aglutinando os dois primeiros movimentos de ILP's que formaram as primeiras hierópoles LGBTI+ do Brasil com a implantação de três igrejas.

Fig. 2: formação da megalópole religiosa LGBTI+



Fonte: elaboração do autor.

O núcleo que conecta Rio de Janeiro e São Paulo formou as primeiras rotas peregrinas às cidades. O eixo era fluido, pois a ponte área e a Via Dutra, ou mesmo a BR 101, são vias de acesso que facilitam a peregrinação aos templos que formaram as primeiras IIP's no Brasil. Para Rosendahl (2018), as *hierópoles* são classificadas como pequenas e médias, não por hierarquia ou tamanho, mas sim sobre três funções: devocional, política e turística (p. 148). Para a autora, o aspecto político em sua pesquisa foi proferido da seguinte forma:

Privilegiaremos os santuários brasileiros nos quais a participação nos rituais religiosos permitiu à sociedade se organizar de novas maneiras e definir uma forma de cidadania num espaço que era cívico e religioso. Esse temário prepara caminho para novos estudos geográficos da interpretação de hierópolis que absorvem duas funções: política e religiosa (p. 158-159).

Direcionados pela autora, procuramos dar uma interpretação política às IIP's, pois sua manifestação, além de trazer religiosidade e fé, possui o ato político de incluir as pautas dos LGBTI+ às questões de religiosidade em um contexto teológico novo. Para isso, como mencionamos na introdução, fatos históricos fazem parte de nosso arcabouço. Assim como as *Gay Pride Parades* dos EUA, destacando o dia da *Libertação da Christopher Street*¹⁰ em São Francisco, Califórnia, em 1970, o Brasil passa pelo mesmo processo. Da costa Oeste dos Estados Unidos surge a primeira Igreja Inclusiva e a primeira parada do orgulho LGBTI+, ao passo que no Brasil, as primeiras IIP's surgem no Rio de Janeiro, mesmo lugar da primeira Parada do Orgulho LGBTI+ no país, que se deu no ano de 1995. Em São Paulo, em 1997, surge a primeira Parada do Orgulho LGBTI+ do município, segunda do Brasil, e lá (São Paulo), surge a terceira IIP brasileira. Amparados em Rosendahl, entendemos Rio de Janeiro e São Paulo como *hierópoles* em sua função política, e ambas lidas como *grandes hierópolis*.

10 Foi realizada na rua Christopher, em 28 de junho de 1970, uma assembleia de grupos LGBTI+ no dia que marcou um ano de Stonewall, quando, um ano antes, episódios de violência policial atingiram membros da comunidade do Stonewall Inn, bar frequentado por pessoas da sigla. O movimento de 1970 marcou as paradas do orgulho gay à época.

Corroborando abordagens sociológicas do espaço, recorremos a Montero (2009), para quem as religiões são produto do Estado secularizado. Essa leitura ajuda a compreender como o primeiro e o segundo movimento analisados aqui são fundamentais para a constituição do que denominamos megalópole religiosa LGBTI+, tendo Rio de Janeiro e São Paulo como suas principais *hierópoles*. Diferentemente das *hierópoles* católicas, cuja função é majoritariamente devocional ou turística, as *hierópoles* LGBTI+ cumprem sobretudo um papel político. Nesse ponto, o diálogo com Oro (2004) torna-se produtivo, especialmente no que o autor descreve como processos de adesão individual, enfatizando que a presença em determinados espaços religiosos não se explica apenas por coerção institucional, mas por escolhas, afinidades e percursos subjetivos dos próprios atores sociais.

A singularidade das IIP's, somadas às categorias de desmembramento discutidas tanto socialmente em Barrozo (2019) ou espacialmente em Deleuze e Guattari (1997), materializam-se em um mapeamento de novas *hierópoles* oriundas da megalópole LGBTI+, em que as classificamos como médias.

Fig. 3: da megalópole religiosa LGBTI+ surgem as *hierópoles* médias e igrejas do terceiro movimento.
Fonte: elaboração do autor.



Fig.3 –Fluxos territoriais das Igrejas Inclusivas Pentecostais (Terceiro Movimento) em direção ao eixo Rio de Janeiro–São Paulo. As setas coloridas indicam trajetos regionais distintos de circulação de fiéis e lideranças provenientes de *hierópoles* médias e de áreas já integradas ao sistema metropolitano: Brasília (seta amarela), Goiânia (seta verde), Belo Horizonte (seta azul), Campinas, Guarulhos e Curitiba (setas vermelhas), bem como fluxos de circulação ampliada no eixo Sudeste–Nordeste (seta roxa), todos convergindo para o eixo metropolitano Rio de Janeiro–São Paulo, destacado como polo articulador. O círculo vermelho delimita a área compreendida como megalópole religiosa de acolhimento da população LGBTI+, caracterizada pela concentração institucional, simbólica e relacional das Igrejas Inclusivas Pentecostais.

As *hierópoles* médias de Curitiba, Brasília, Belo Horizonte, Goiânia, Campinas e Guarulhos resultam do processo de dessincetização proposto por Oro (2004). Paralelamente, observa-se a incorporação de outros polos urbanos, como Recife, cujos deslocamentos se inserem em fluxos de circulação ampliada, integrados aos fluxos intramegalopolitanos indicados no mapa. As setas coloridas evidenciam, assim, diferentes padrões de circulação das Igrejas Inclusivas Pentecostais (o chamado Terceiro Movimento) em direção ao eixo Rio de Janeiro–São Paulo, distinguindo vetores oriundos de *hierópoles* médias externas e fluxos provenientes de áreas já integradas ou progressivamente absorvidas pelo sistema metropolitano. Esses deslocamentos configuram aquilo que chamamos de megalópole religiosa LGBTI+.

Cada cor do mapa da figura 3 aponta um trajeto regional distinto. Esses percursos expressam movimentos de desterritorialização, quando fiéis deixam igrejas excludentes, e de reterritorialização, quando encontram acolhimento nas igrejas inclusivas. A formação dessas *hierópoles* médias acontece nesse mesmo dinamismo de saída e chegada, que redesenha a presença das IIP's nas cidades mencionadas. A difusão das IIP's das periferias, como a Igreja Batista as Nações (IBAN) na Zona Leste de São Paulo, está ligada a um processo de secularização, no qual a homossexualidade deixa de ser vista apenas como pecado, e de dessincetização, marcada pela afirmação identitária da própria sexualidade.

No espaço urbano, isso se traduz na busca por novos territórios de pertencimento. O afastamento das igrejas que condenam a homossexualidade constitui a desterritorialização; a entrada em comunidades que acolhem pessoas LGBTI+ configura a reterritorialização. Esse movimento dialoga com Natividade (2008) e Oliveira (2004), sobretudo na ênfase

sobre a afirmação do “si” e no cultivo de si como prática ética e espiritual. Para ratificar essa hipótese, recorreremos a Yin (2006) e aos dados cruzados, pois, segundo o autor:

O princípio refere-se ao objetivo de buscar ao menos três modos de verificar ou corroborar um determinado evento, descrição ou fato que está sendo relatado por um estudo. Tal corroboração serve como outra forma de reforçar a validade de um estudo (p. 94).

Recorreremos a três fontes para cruzar os dados: a pesquisa quantitativa, a análise do arcabouço teórico da sociologia e a aplicabilidade das categorias espaciais. Logo, os dados coletados social, espacial e quantitativamente são instrumentais que utilizamos para corroborar com a conjectura da megalópole religiosa LGBTI+.

Considerações Finais

A partir da análise apresentada ao longo do texto, podemos considerar que as IIP's emergem como um fenômeno religioso intrinsecamente ligado à urbanização e às transformações socioculturais nas grandes metrópoles brasileiras. O crescimento desse movimento reflete não apenas a busca da comunidade LGBTI+ por espaços de acolhimento religioso, mas também a metamorfose do ambiente religioso em meio a um processo mais amplo de secularização e pluralização das crenças nas periferias urbanas.

O conceito de *megalópole religiosa* que associamos às IIP's reflete o impacto dessas igrejas em áreas centrais e periféricas das maiores cidades do Brasil, particularmente São Paulo e Rio de Janeiro. Essas cidades, enquanto polos centrais de urbanização e modernidade, abrigam a maior concentração de Igrejas Inclusivas e atuam como territórios férteis para o desenvolvimento de expressões religiosas dissidentes das normas hegemônicas. No entanto, o fenômeno não se restringe ao centro urbano tradicional, expandindo-se para as periferias, onde a marginalização social e a exclusão econômica frequentemente refletem e reforçam a busca por novas identidades religiosas, de aceitação e afirmação.

As IIP's, nesse sentido, reconstróem o espaço urbano mediante uma “territorialidade simbólica”, como descrito por Haesbaert (2004), vivenciada pelos indivíduos não apenas como um local físico, mas como um espaço de pertencimento, amor e afeto,

especialmente relevante para populações marginalizadas, como a comunidade negra e LGBTI+. A espacialidade dessas igrejas reflete a criação de “megacidades religiosas”, onde os fiéis encontram não apenas uma estrutura religiosa formal, mas também um espaço de reconstrução de sua identidade e espiritualidade em meio à adversidade social. Essa nova territorialidade incorpora tanto o êxtase pentecostal quanto o acolhimento inclusivo, que permite uma resignificação da fé, do corpo e da sexualidade.

O eixo Rio-São Paulo é emblemático nessa análise, pois ambas as cidades são epicentros de transformação social e espiritual, com uma concentração significativa de igrejas inclusivas, que funcionam como um microcosmo dessa nova megalópole religiosa pentecostal inclusiva. No entanto, ao se expandir para outras áreas urbanas e periféricas, o movimento das IIP’s também responde às dinâmicas locais de exclusão e resistência, reafirmando o papel dessas igrejas não apenas como instituições religiosas, mas como atores sociais na luta por visibilidade e dignidade para as populações LGBTI+ e negras.

Esse fenômeno, que se desdobra no contexto da modernização e secularização das cidades, revisita questões fundamentais sobre como a religião se reinventa em meio às demandas contemporâneas por justiça social e inclusão. A transformação das IIP’s em uma espécie de “megalópole” simbólica e espiritual revela não apenas a crescente adesão a essas igrejas, mas também a criação de novos territórios religiosos que desafiam as hegemonias estabelecidas e oferecem um espaço de resistência às populações marginalizadas.

Portanto, as IIP’s representam uma inovação religiosa que se alimenta das complexas dinâmicas urbanas e socioculturais, funcionando como um espaço de recomposição espiritual que é simultaneamente produto e produtor de novas formas de expressão religiosa. Esses territórios religiosos inclusivos transcendem os limites geográficos e simbólicos impostos pelas grandes denominações tradicionais e reafirmam a agência das populações negras e LGBTI+ em resignificar sua fé e identidade em meio às vastas e desafiadoras paisagens urbanas das megalópoles latino-americanas. Em suma, as IIP’s não são apenas uma resposta religiosa às demandas urbanas contemporâneas, mas uma força transformadora que está redefinindo o próprio tecido religioso e social das grandes cidades brasileiras.

Referências

BARROZO, Victor Breno Farias. Faces do pentecostalismo brasileiro: esboço de uma cartografia do campo pentecostal no Brasil. In: OLIVEIRA, David Mesquiat; FERREIRA, Ismael; FARJADO, Maxwell (org.). *Pentecostalismos em São Paulo*: Edições Terceira Via, 2019, p. 97-106.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Trad. Peter Paul Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997, 264p.

DIAS, Tainah Biela. *Um "lugar para ser": Reconstruções identitárias de pessoas LGBTI+ cristãs nas igrejas da comunidade metropolitana*. Tese de Doutorado - Universidade Metodista de São Paulo - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião São Bernardo do Campo, 2022. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2172>. Acesso em: 15 ago. 2024.

FAJARDO, Maxwell. *Pentecostais, migração e redes religiosas na periferia de São Paulo: um estudo do bairro de Perus*. Dissertação de Mestrado, Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, 2011. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/580>. Acesso em: 15 ago. 2024.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1993, 307f.

HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização*. Do "Fim dos Territórios" à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 396p.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2000*. IBGE, Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/censo/divulgacao_digital.shtm. Acesso : 6 ago. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2010*. IBGE, Rio de Janeiro, 04 nov. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 6 ago. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estimativas da População*. IBGE, Rio de Janeiro, 12 dez. 2022. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2021/POP2021_20221212.pdf. Acesso em: 12 out. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2022*. IBGE, Rio de Janeiro, 22 dez. 2022. Disponível em: [://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/rio-de-janeiro.html](http://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/rio-de-janeiro.html). Acesso em: 12 out. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2022*. IBGE, Rio de Janeiro, 22 dez. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-paulo.html>. Acesso em: 12 out. 2024.

MONTERO, Paula. *Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil*. Novos Estudos Cebrap, n. 74, 2006, p. 47-66. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n74/29639.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MONTERO, Paula. *Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil*. *Etnográfica*, v. 13, n. 1, 2009, p. 7-16. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/etn/v13n1/v13n1a02.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

NATIVIDADE, Marcelo. *Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008, 342f.

NORONHA, Cláudio. *Trocas materiais e simbólicas em Rio Grande da Serra: redes sociorreligiosas na periferia urbana*. Curitiba: CRV, 2016, 282p.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A Religião Mais Negra do Brasil*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, 136p.

ORO, Ari Pedro. Notas sobre a diversidade e a liberdade religiosa no Brasil atual. Porto Alegre: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 64, n. 254, p. 317-336, 2004.

RIVERA, Dario Paulo Barrera (org.). *Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro: estudos de Sociologia e Antropologia urbanas*. Curitiba: CRV, 2012, 296p.

RIVERA, Paulo Barrera. Pluralismo religioso e secularização: pentecostais na periferia de São Bernardo do Campo no Brasil. *Rever*, v. 10, n. 1, p. 50-76, 2010.

ROSENDAHL, Zeny. *Uma procissão na geografia*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2018, 407p.

SANTOS, Átila Augusto dos. *Ser LGBTI+ negro/a pentecostal: um estudo da igreja inclusiva Nova Esperança em São Paulo (2004-2019)*. Dissertação de Mestrado - Universidade Metodista de São Paulo - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2022, 143f.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987, 142p.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, 259p.

SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. *Seade Censo 2022 – Estado de São Paulo e municípios*. São Paulo, 8 ago. 2023. Disponível em: <https://censo2022.seade.gov.br/>. Acesso em: 15 out. 2024.

TORRES, Marcos Alberto. As paisagens da memória e a identidade religiosa. *Raega*, n. 27, p. 94-110, 2013.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1980, 292p.

WEISS, Jesus Fátima. *Unindo a cruz e o arco-íris: vivência, homossexualidades e trânsitos de gêneros na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo*. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2012.

YIN, Robert K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Trad. Daniel Bueno Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2006, 336p.

Submetido em 13/03/2025

Aprovado 07/11/2025